



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 5, v. 1 maio-out. 2016
p. 272-299.

“Rasgados” x/e/ou “másculos”: as performatividades de paquera entre homens na “Pop-ismo”

Fabício de Sousa Sampaio¹

RESUMO: A paquera é frequentemente definida como a tentativa de aproximação com alguém ou a busca por namoro, aventura amorosa ou sexual. Entretanto, essa busca é tributária de certos regramentos principalmente em relação às suas finalidades, ao objeto paquerado e aos cenários culturais nos quais ocorrem esse processo de aproximação. Nesse sentido, a paquera pode ser constituída por rituais. Sendo assim, quais os rituais e os significados sociais atribuídos para eles nos processos de paquera? E quais são os marcadores sociais do processo ritual de paquera entre homens? A etnografia que parte dessa problemática objetiva identificar e compreender os rituais performáticos dos corpos generificados em situação de paquera homoerótica durante as edições da “Pop-ismo” na cidade de Sobral-CE. A constatação de que a paquera é um continuum ritualístico interdependente entre os contextos culturais em que se realiza é o ponto de partida da investigação. E uma das principais conclusões é a de que os corpos em performance durante a paquera reforçam a heteronormatividade, os padrões estéticos corporais dominantes e os códigos sociotemporais localizados numa perambulação reiterativa e/ou subversiva entre a “performance máscula” e a “performance rasgada”.

PALAVRAS-CHAVES: Paquera. “Pop-simo”. Ritual. Performance.

Abstract: Flirting is often defined as the attempt to approach someone or search for dating, love or sexual adventure. However, this occurs tax of certain specific regulations especially in relation to its purposes, to object flirted and cultural scenarios in which this process occurs approach. In this sense the crush can consist of rituals. So, what rituals and social meanings attributed to them in courtship process? And what are the social markers of the ritual process of flirting between men? Ethnography some of this objective problematic identify and understand the performative rituals of gendered bodies in flirting homoerotic situation during the editions of the "Pop-ism" in the city of Sobral-CE. The finding that flirting is an interdependent ritual continuum between cultural contexts in which it performs is the starting point of the investigation. And one of the main conclusions is that the bodies in performance while flirting reinforce the heteronormatividade, the dominant body aesthetic standards and sociotemporais codes located in a repetitive and / or subversive wandering between "manly performance" and "torn performance."

Keywords: Flirting. "Pop-simo". Ritual. Performance.

Resumén: El coqueteo es a menudo definida como el intento de acercarse a alguien o buscar pareja, amor o aventura sexual. Sin embargo, esto ocurre fiscal de determinados reglamentos específicos sobre todo en relación con sus propósitos, para objetar escenarios coqueteado y culturales en que este proceso se produce la aproximación. En este sentido, el enamoramiento puede consistir en rituales. Entonces, ¿qué rituales y significados sociales que se les atribuye en el proceso de cortejo? ¿Y cuáles son los marcadores sociales del proceso ritual de coqueteo entre hombres? Etnografía algunos de este objetivo problemático identificar y comprender los rituales performativas de los cuerpos de género en coquetear situación homoerótica durante las ediciones del "Pop-ismo" en la ciudad de Sobral-CE. El hallazgo de que el coqueteo es un continuo ritual de interdependencia entre los contextos culturales en los que se lleva a cabo es el punto de partida de la investigación. Y una de las principales conclusiones es que los cuerpos en el rendimiento al tiempo que ligan refuerzan la heteronormatividade, los estándares estéticos corporales dominante y sociotemporais códigos ubicados en un deambular repetitivo y / o subversiva entre "el rendimiento masculino" y "rendimiento roto".

Palabras clave: Ligue. "Pop-simo". Ritual. Performance.

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: farcosousa@yahoo.com.br

Recebido em 03/11/15
Aceito em 23/05/16

Introdução

Comumente a paquera é uma interação quase que impulsionada “naturalmente” pela atração erótica e regulada apenas pelas oportunidades ora consideradas ocasionais ora manipuladas através das quais as aproximações possam resultar na “pegada”².

A “pegação”³ é o termo que já se tornou comum no linguajar da juventude brasileira principalmente quando as temáticas em questão giram em torno de baladas, festas, azaração e o “ficar”⁴. Nas rodas de conversas, bate-papos virtuais e mídias, geralmente o ato de “pegar” se constitui numa ação que “positiva” o sujeito praticante na condição de parceiro sexual e afetivo atraente e consumível em qualquer paqueração. Com relação aos contatos homoeróticos, a “pegação” tem uma conotação sexual e encerra também buscas por sexo casual principalmente em locais públicos ou já consensualmente percebidos para essa finalidade: saunas, cinemas de sexo explícito, banheiros ou certos espaços em boates gays denominados “dark rooms” – locais semifechados escuros onde a ordem é a liberação da “pegação”, ou melhor, práticas sexuais diversificadas.

Sendo o processo de paquera uma ação na qual o corpo dos indivíduos tanto pode estar no papel de paquerador, se valendo de rituais performáticos, quanto no papel de objeto a ser paquerado, se valendo de outros tipos de rituais performáticos, escolhi a etnografia como método de interpretação desse processo objetivando descrever e analisar os movimentos corporais e seus significados culturalmente situados. As reflexões que se seguem são resultado das incursões realizadas entre os anos de 2012 a 2014 em festas eletrônicas que ocorrem mensalmente na cidade de Sobral-CE. O lócus principal de observação foi a festa denominada de “Pop-ismo” por seus fundadores.

Nas primeiras incursões etnográficas na “Pop-ismo”, em 2012, o objetivo era a mera observação e descrição dos trânsitos corporais e da dinâmica da festa. Percebi depois que existiam certos rituais de permanência e engajamento durante o transcorrer da noite. Depois de algumas incursões, curti⁵ o perfil dessa festa no Facebook para ficar atualizado sobre as futuras

² Termo êmico que significa tanto o “ficar” – finalização temporária do processo de paquera – quanto à forma ou o modo característico de um indivíduo durante o “ficar”. A título de diferenciação a “pegada” será considerada a fase final do processo de paqueração em distinção com o termo “pegação”.

³ O termo pegação é frequentemente utilizado para se referir as ações de busca por parceiro (a)s sexuais. Aqui os rituais de paquera existentes são rápidos e poucos, dependendo dos locais onde ela ocorre.

⁴ Termo êmico utilizado para designar os beijos, abraços e carícias entre indivíduos que se paqueraram anteriormente.

⁵ Curtir e compartilhar são recursos disponibilizados na plataforma do Facebook que se relacionam a postagens e publicações que são visualizadas tanto no Facebook quanto na rede como um todo, e que, na linguagem “faceana”,



edições. E, em poucos dias, comecei a receber cutucadas⁶, curtidas em fotos e solicitações de amizade. Com o desenrolar das conversas realizadas, foram se tornando claros os objetivos dos recém-incluídos como “amigos”: eles estavam paquerando, buscando parceiros amorosos e/ou sexuais. Um dos usuários disse ter buscado o meu “face”⁷ logo ao ter me visto na “Pop-ismo”. Conclui nesse primeiro momento que “Pop-ismo” e Facebook mantinham uma relação íntima, de dependência, pois a existência da festa em si como também a continuidade ou surgimento de novos contatos entre as pessoas tinham o Facebook ou a própria festa como ponto de partida.

Para esses jovens que iam solicitando amizade, cuja maioria frequentava a “Pop-ismo”, fui me apresentando como pesquisador e convidando eles para colaborar com a pesquisa em andamento. Alguns rejeitaram e me acusaram de estar brincando ou fazendo “piada” com eles ou de estar utilizando uma justificativa interessante para dar um “fora” neles. Mas outros aceitaram. Além disso, selecionei outros jovens do perfil da “Pop-ismo” no Facebook, aleatoriamente. Desses, no total de nove, após explicitar os objetivos da pesquisa, iniciei bate-papos através da página do Facebook a fim de buscar os sentidos de determinados rituais, trânsitos e interações observadas durante a incursão etnográfica na festa.

Os nove colaboradores da pesquisa preferiram manter o diálogo no bate-papo do Facebook. Para preservar o anonimato deles foram escolhidos nomes aleatórios: Juliano, Romeu, Valdo, Fagner, Carlos, Alex, Elano, Claudio e Roberto.

É importante frisar que a entrada no campo de pesquisa e aceitação dos jovens para se tornarem colaboradores da pesquisa foram balizadas constantemente pelo “método de consenso” (SANTOS; ZAGO, 2011). Alternativa ao modelo ético da biomédica, esse modelo problematiza a relação de poder entre pesquisador e pesquisado baseado numa noção de limite entre o jogo de pergunta e resposta caracterizado pela negociação e acordo entre os participantes dos processos de pesquisa.

O corpo sexuado, generificado e sexualizado do pesquisador, tomado como categoria de análise metodológica, é crucial nas pesquisas com as sexualidades (SANTOS; ZAGO, 2011).

clica-se curtir referente a algo que gostou e compartilhar para que outros – amigos ou não – fiquem sabendo daquilo que você gostou de ver, ler, ouvir (SAMPAIO, 2014, p.13).

⁶ “O botão cutucar é muito polissêmico. Até os criadores dizem que ele não tem uma finalidade específica. As cutucadas podem significar um olá, um pedido de amizade indiscreto, caso não conheça o usuário, e pode ser um recurso de iniciar uma paquera ou investida sexual” (SAMPAIO, 2014, p.13).

⁷ Forma abreviada comumente observada no cotidiano dos colaboradores da pesquisa para denominar seus perfis ou página na plataforma do Facebook.



Além disso, alçar a experiência corporal à categoria de método não significa abolir a possibilidade de distanciamento e nem “virar nativo”, mas sim pensar que a postura do observador participante é interpretada sob convenções socialmente situadas (BRAZ, 2009) e sua performance será constantemente avaliada pelos participantes de uma dada sociabilidade. A experiência de ser envolvido nas investidas de paquera pelos jovens da “Pop-ismo” foi de extrema importância para compreender os significados do “corte” da paquera e dos posicionamentos dos corpos durante a festa. Nas primeiras incursões, a cada posicionamento no espaço, eu percebia que era avaliado por determinada maneira pelos outros. E tais avaliações se fizeram compreensíveis tanto através dos comentários dirigidos a mim durante a festa quanto pelos diálogos mantidos com os colaboradores na plataforma do Facebook. Por exemplo, se posicionar as margens da pista de dança transmite a informação de ser solteiro e estar “caçando”⁸. E, além disso, “cortar” todas as investidas de paquera foi avaliado pelos colaboradores como típico de “viado bicudo” e que “se acha demais”.

No decorrer do texto os termos “estabelecidos” e “outsiders” são utilizados de forma semelhante à conotação dada pela metáfora analítica de Elias e Scotson (2000). O primeiro serve para se referir aos indivíduos que frequentam regularmente a “Pop-ismo” ou qualquer outro espaço de sociabilidade e que já estão familiarizados com os códigos sociais de tais espaços e no caso específico com os rituais performáticos referendados ou não pelos outros frequentadores mais assíduos. Além disso, a designação de “estabelecidos” também abarca os colaboradores da pesquisa.

E o segundo termo é usado para se referir aos novatos ou “carne nova no pedaço”⁹ que frequentam pela primeira vez ou esporadicamente a festa e não estão totalmente familiarizados com os códigos sócio espaciais ou, às vezes, não sabem quase nada sobre tais códigos. Entretanto, vale destacar que esses “outsiders” geralmente têm o ritual de buscar informações sobre os lugares onde irão frequentar através de conhecidos ou não como também através da internet, comentários nas redes sociais e outros mecanismos.

Nas primeiras incursões a minha situação de “outsider” permitiu o estranhamento necessário em relação aos códigos sociais e aos rituais de paquera engendrados pelos “estabelecidos” e pelos “outsiders”. A cada posicionamento, no decorrer das festas, a minha performance era avaliada pois emitia certas informações aos participantes. Pois numa festa –

⁸ Termo êmico utilizado para designar o ato de buscar parceiros amorosos ou sexuais em locais públicos ou na virtualidade.

⁹ Expressão êmica para se referir aos novatos ou que dificilmente frequentam a “Pop-ismo”.



lugar de diversão e sociabilidade erótica – é possível avaliar “como as pessoas materializam visões de si mesmas com vistas a se aproximar e se distinguir” (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010) e também como as pessoas utilizam categorias classificatórias para marcar os corpos dos outros em processos de subordinação, “glamourização”¹⁰, hierarquização ou abjeção. Por exemplo, em certa edição, um jovem se dirigiu a mim e perguntou se eu era segurança particular do evento, porque eu estava vestido de preto e localizado nas margens da pista de dança. Não bebia e nem dançava e, além disso, não retribuía os olhares de ninguém. Dito de outra forma, a performance do pesquisador em festas é constantemente avaliada por categorias marcadoras de diferença e tal avaliação orientará os atores sociais nas interações com o investigador social.

Inicialmente o artigo traz uma discussão sobre as categorias de performance e ritual a partir da teoria de Ricardo Schechner (2012) e Erving Goffman (2009, 2010, 2011) e a identificação dos marcadores da paquera homoerótica, tais como a heteronormatividade¹¹, padrões estéticos corporais e os códigos sociotemporais. Aqui as reflexões de Judith Butler e Beatriz Preciado se tornam cruciais. No segundo momento do texto, a “Pop-ismo” e os “pops” serão considerados. E na terceira parte serão analisados os rituais da paquera cujo processo será dividido, a título de análise, em três fases: preparatória, interação desfocada e focada.

Performance, rituais e corpo

O termo performance inclui as ritualizações dos seres humanos na vida cotidiana, tais como cenas familiares e sociais, demonstrações, exercício da profissão, cerimônias, apresentações artísticas e outras (SCHECHNER, 2012, p.18).

Centralizando sua definição em qualidades reconhecidas do teatro, Richard Schechner (2012) concebe a performance como a ritualização de sons e gestos num processo de estilização do comportamento (ibid, p.49). Os indivíduos utilizam técnicas de performance para se dirigir aos diversos públicos com o objetivo de “manter, modificar ou inverter a ordem social existente” (ibid, p.77).

¹⁰ O termo “glamour” foi acionado pelos colaboradores para se referir a corpos cuja performance é tributária de “muitos flashes, foto, badalação, plateia...” (Claudio- dezembro/2013). Essa categoria vale tanto para os corpos musculosos quanto para os que performatizavam as coreografias de músicas pop.

¹¹ Termo criado por Wagner (1993) que identifica um conjunto de disposições – discursos, valores e práticas- que naturaliza, sanciona e legitima a heterossexualidade como a única possibilidade de expressão dos sujeitos (JUNQUEIRA, 2012, P.66). A heteronormatividade é sustentada pela heterossexualidade obrigatória conforme Louro (2012). E, além disso, reforçada pela efeminofobia no caso das relações amorosas e sexuais entre homens.



A performance é um “comportamento ritualizado condicionado/permeado pelo jogo”. Ela se origina da interação entre o jogo e o ritual. Os rituais constituem ações codificadas que movimentam a memória e ajuda os indivíduos a lidar com relações sociais “ambivalentes, hierarquia e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária” (LIGIÉRO, 2012, p. 49). Embora os rituais se apresentem publicamente sob o caráter de estabilidade e permanência, eles mudam dependendo das circunstâncias sociais (SCHECHNER, 2012, p.84). Nesse sentido podemos considerar que os rituais performatizados na paquera homoerótica, dentre outras razões, ajudam os indivíduos a se relacionar eroticamente entre si num contexto heteronormativo que, além de negar a legitimidade do desejo homoerótico, também o aprisiona num padrão heterossexual binário de homens e mulheres.

O jogo – outro elemento constituinte da performance – possibilita a experimentação temporária do tabu, do excessivo e do arriscado. Juntos, ritual e jogo, levam os indivíduos para uma ‘segunda realidade’, possibilitando a transformação em outros diferentes eus (LIGIERO, 2012, P.50). Entretanto, no ritual há seriedade e definição de padrões de jogo e repetições. E no jogo há mais liberdade, permissividade e flexibilidade, além de contribuir para a criatividade e a construção do mundo. Enquanto que o ritual deve ser encenado, o jogo só é performance quando é feito em público (SCHECHNER, 2012, p.100-08).

Schechner (2012) divide a performance em eficácia e entretenimento. Dois polos que fazem parte de uma ação contínua dependendo do contexto e da função. A performance é ritual quando se vincular com a eficácia ou buscar resultados. E é entretenimento quando o objetivo for dar prazer, ser mostrada ou passar o tempo. Para o autor, os elementos desse jogo binário – eficácia e entretenimento – não são opostos e sim continuamente interdependentes. Não há eficácia ou entretenimento puro. E é das tensões criativas desse jogo e suas várias finalidades que se originam as performances (ibid, p.81).

Um dos elementos característicos da “Pop-ismo” é a performance - entretenimento dos “pops”¹² e dos “bicudos”¹³. Muitos jovens dançam em espaços reservados para esta finalidade. Há inclusive uma plateia vibrante avaliando as performances de dança principalmente nos estilos pop. Geralmente são os “pops” que dançam e constituem a plateia nesses contextos. Já os “bicudos”, cuja maioria é considerada máscula pelos colaboradores, ficam transitando ou

¹² Autodenominação dos “estabelecidos” da “Pop-ismo”.

¹³ Termo utilizado pelos colaboradores para designar aqueles que não ficam com quase ninguém e vem somente para “se exhibir, se mostrar” (Romeu- março/2013).



dançando nas margens da pista central – quando estão sozinhos. Se estão em grupos se posicionam perto da mesa dos djs e geralmente os seus estilos performáticos na dança se assemelham aos movimentos executados pelos strippers ou gogodancers. Há alguns que tiram a blusa. Parece que essa última ação confirma o status de “bicudo” desses jovens.

Mas a dança não é apenas uma performance-entretenimento, ela também se constitui em eficácia. Ela é considerada um “momento revelador” da masculinidade e feminilidade dos corpos. Há movimentos corporais e passos de dança considerados “de bicha” e “de boy”. Por exemplo, os reveladores da ‘feminilidade’ ou afeminamento foram também descritos na pesquisa de Simões, França e Macedo (2010, p. 57): “dançar movendo excessivamente os quadris, erguer demais os braços acima dos ombros, ou acompanhar o conteúdo das letras com gestos de mãos que expressam alguns versos”. No caso masculino, os movimentos principais de “macheza” são: as pernas ligeiramente flexionadas com movimentos circulares dos quadris; não mexer muito a cabeça e manter os braços quase enrijecidos para expressar a musculatura trabalhada. Assim, nos processos de paquera esses movimentos são buscados e/ou evitados para atrair o parceiro e se constituir num objeto de desejo principalmente nas pistas de dança.

Para Erving Goffman (2009), a performance é uma atividade de emitir impressões relacionadas aos papéis sociais preestabelecidos adequados conforme uma plateia determinada. Ela é de teor cerimonial por rejuvenescer e reafirmar valores morais da sociedade. Na sua teoria, os rituais são eficazes por tornarem os indivíduos “participantes autorreguladores em encontros sociais” (GOFFMAN, 2011, P. 49). Assim, os rituais e as performances estão vinculados à ordenação equilibrada das interações sociais em contextos específicos.

Sendo a performance uma atividade cerimonial, Goffman(2011) distingue dois componentes básicos: a deferência e o porte. Na deferência é comunicada uma apreciação para um indivíduo ou para algo do qual ele “é considerado um símbolo, extensão ou agente” (p. 59). É um ritual interpessoal geralmente expresso por pequenas saudações, elogios e desculpas nas quais o indivíduo se vê preocupado com as implicações simbólicas de seus atos na presença de um objeto valorizado por ele. Os atos de deferência contem, além de um sentimento de estima, uma espécie de promessa, “expressando de forma truncada a admissão e compromisso do ator de tratar o receptor de uma forma particular na atividade que se seguirá” (GOFFMAN, 2011, p. 60-3).

Goffman (2011) cita duas formas que a deferência pode assumir. Os rituais de evitação, que são empregados quando a deferência leva o ator a manter distância do receptor e ao violar a



esfera que está ao redor do receptor (p. 65). O segundo tipo reúne os rituais de apresentação. Nesses, o “indivíduo confirma especificamente aos receptores como ele os estima e como os tratará na interação prestes a ocorrer”. Nos primeiros é especificado o que não deve ser feito e, nos segundos, aquilo que deve ser feito. O autor menciona quatro formas muito comuns desse tipo: saudações, elogios, convites e pequenos serviços nos quais o “ator representa concretamente sua apreciação do receptor” (ibid, p. 72-4).

O porte é o outro elemento do comportamento cerimonial. Ele é caracterizado pelas interpretações que os outros fazem do indivíduo durante a copresença. Comunicado através de vestuário, postura e aspecto, o porte expressa se um indivíduo possui qualidades desejáveis ou indesejáveis. O porte encerra uma imagem de si criada para os outros (GOFFMAN, 2011, p. 78-9).

Assim a performance – modo ritualizado de atuar no espaço que engendra fixar certa fachada a fim de sustentar uma definição de situação – é objeto de interpretações dos outros. O porte então é a imagem construída pelos outros da interpretação da performance de alguém. Juntos - porte e deferência - rituais de evitação e de apresentação - corroboram para o equilíbrio nas interações sociais, nos termos de Goffman.

Parece que, na paquera, os indivíduos vão construindo uma imagem dos outros, atribuindo um porte para cada pessoa. Mas esse porte vai sendo avaliado de acordo com o passar das interações, dos trânsitos e da observação das performances em curso. Alguns colaboradores enfatizaram que desistiram de paquerar ao “descobrirem” “características desagradáveis...” em alguém (Juliano- setembro/2013)¹⁴. Talvez algumas características discordantes com porte atribuído inicialmente.

Goffman (2010) discute um tipo de cortesia comum que podemos relacionar aos processos de paquera: a desatenção civil. Pois:

O que parece estar envolvido é que uma pessoa dá a outra um aviso visual suficiente para demonstrar que ela compreende que a outra está presente (e que admite abertamente tê-la visto), e no próximo momento ela retira sua atenção para expressar que a segunda não constitui um alvo de curiosidade ou interação especial (GOFFMAN, 2010, p.96).

¹⁴ A título de diferenciação, os nomes dos colaboradores ficarão em letras minúsculas entre parênteses e a identificação dos teóricos e pesquisadores referendados seguirão as regras da ABNT em curso.



Partindo da premissa de que os rituais da paquera servem justamente para assegurar que ambos estejam no mesmo processo ou pelo menos um deles seja reconhecido como paquerador, esse tipo de cortesia – desatenção civil – precisa ser afastado, para não confundir o processo. Em contrapartida, a infração a essa cortesia pode ser o início da paquera justamente porque trabalha os olhares de confirmação da presença um do outro.

Parece que as denominações de “bicudos” ou “bestas” elencadas pelos colaboradores da pesquisa têm uma relação íntima com esse ritual de desatenção civil. O indivíduo, numa festa ou evento social qualquer, que deixa de oferecer esse aviso visual para outros numa situação de copresença, pode ser interpretado como uma ofensa ou desrespeito à “sacralidade dos eus” que estão no estabelecimento social (GOFFMAN, 2009). Assim como dar esse aviso e retirar bruscamente – a rabisaca – que “corta” a paquera de forma desrespeitosa, são comportamentos típicos dos “bicudos” ou “bestas”. Em suma, tendo como referência a teoria de Goffman, podemos considerar que a paquera inicia como infração a desatenção civil e é interrompida ou finalizada com o “corte”: práticas de negação de uma abertura de encontro. Nesse sentido, o “corte” (GOFFMAN, 2010) pode ser relacionado ao “fora”, principalmente nos processos de investidas de algum indivíduo.

Partindo dessas considerações sobre ritual e performance, é imperioso se questionar no contexto da paquera homoerótica: quem executa os rituais? Qual o conteúdo das performances? O que é encenado e com qual objetivo?

A paquera é considerada como uma interação orientada por regras e valores tanto no aspecto microespacial dos envolvimentos quanto do macroespacial de regulações mais amplas que afetam e normatizam as sociabilidades homoeróticas. Por essa razão a performance-paquera é ritual por se vincular com a ação racional que busca resultados específicos nos termos de Schechner (2012).

A partir dos depoimentos e da observação participante podemos afirmar que na paquera homoerótica masculina quem executa os rituais são corpos sexuados e generificados e que buscam outros corpos sexuados/generificados, ambos marcados socialmente pela heteronormatividade, padrões estéticos de beleza dominantes e códigos sociotemporais específicos de cada contexto cultural. E especificamente na paquera entre homens, a efeminofobia – aversão aos traços ditos femininos nas performances masculinas – atua como reforçador auxiliar da heteronormatividade. Analisemos a seguir esses marcadores.



A performance durante a paquera objetiva, dentre outras razões, principalmente tornar um corpo reconhecido como objeto de paquera ou de desejo, além de eficazmente conseguir um “ficante” ou amante. O conteúdo performatizado no curso da paquera são as performances de gênero: “ficções sociais” impostas e geradoras de “estilos corporais” acionadas durante o ato performático por serem consideradas naturalizadas, como próprias de um corpo masculino ou feminino (BENTO, 2006, p. 92).

Tanto o sexo quanto o gênero que marca os corpos executores dos rituais de paquera são performativos, de acordo com a teórica Judith Butler. Através do conceito de performatividade, a autora faz uma genealogia crítica tanto do sexo quanto do gênero pois eles correspondem a uma reiteração prática do discurso que objetiva produzir aquilo que nomeia. Não é um ato singular ou intencional do sujeito. É muito menos algo pré-cultural através do qual podemos conformar os corpos. O sexo e o gênero são uma reiteração de uma norma ou conjunto delas que “oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição” (BUTLER, 2013, p. 166).

O gênero não é uma inscrição cultural de significado num sexo preexistente. Ele é um meio “discursivo/cultural” pelo qual “‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2010, p.25). O sistema binário dos gêneros fundado numa relação mimética entre gênero e sexo “na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” é problematizado pela autora (ibid, p.24). Assim, o homem não é homem pelo simples fato de possuir um pênis. Tanto a genitália quanto a masculinidade que classifica seu corpo como distinto de outro corpo oposto – vagina/feminilidade – é resultado de uma operação linguística de repetição/produção articulada por normas regulatórias que atuam na conformação dos corpos humanos. Ser reconhecido como homem é resultado de um processo de uma prática repetitiva da performance masculina considerada válida pelas normas regulatórias. É na prática que o homem se torna homem ou um objeto viável para ser desejado e/ou paquerado. Assim podemos falar de performatividades de paquera como atos estilizados e repetitivos das “performances de gênero” valorizadas pela cena noturna ou pelas sociabilidades homoeróticas específicas.

A norma regulatória desse processo reiterativo de construção dos homens e mulheres é a heteronormatividade. Esse marco regula as performatividades dos corpos reiterando a norma da heterossexualidade como a única forma possível de interagir entre as pessoas. Os espaços sociais, as vivências e os sentidos das práticas são avaliados e julgados conforme os padrões de conduta heterossexual que os corpos devem performatizar. É no seio desse dispositivo que as



práticas e significados eróticos da paquera masculina são ordenados e, por isso, a grande preocupação dos corpos em se conformarem numa “performance máscula” – constituída pelos “machos superiores” – ao contrário de se apresentarem numa “performance rasgada”¹⁵. Esses dois modelos performáticos são utilizados tanto como roteiros de encenação quanto de classificação dos corpos em “tudo, um luxo, macho mesmo...” ou “bichinha, cansada, passivona,...” (Juliano - setembro/2013).

Entretanto, tais polos – “ másculo ” e “ rasgados ” – embora aparentemente possam se apresentar como opostos e excludentes na ambiência heteronormativa da paquera entre homens, durante a etnografia na “Pop-ismo” constatamos que eles expressavam um continuum através do qual os rituais da paquera eram performatizados durante a festa. Os corpos transitavam durante a festa e eram constantemente avaliados e classificados tendo como referência esses dois polos: a “performance máscula” – valorizada, triunfada, sem trejeitos – e a “performance rasgada”, com trejeitos, afeminada, desvalorizada socialmente.

Essa classificação das performances, cujos nomes foram extraídos das falas dos colaboradores da pesquisa, vincula-se ao modelo hierárquico (FRY; MACRAE, 1985) que normatiza as relações entre pessoas do mesmo sexo a partir da posição sexual na cama: macho-ativo e bicha-passiva. Ao contrário do modelo igualitário ou “modelo gay/gay” que preconiza uma igualdade. É na avaliação das performances que os indivíduos são julgados “machos ou viados”, “homens ou bichas” e, por extensão, ativos ou passivos. Essa atribuição binária e oposicional reforça a heterossexualidade normatizadora das relações homoeróticas. Como a “performance máscula” se refere ao polo masculino considerado superior, na paquera ela deve ser constantemente performatizada, em detrimento da “performance rasgada” por esta ser abjeta pois representa a inferioridade do feminino como um todo. Muitos confessaram uma vigilância performática para não “dar pinta”¹⁶ para serem paquerados e “conseguirem alguém na festa” (Romeu-março/2013).

A abjeção ao feminino ou a luta pela não expressividade dos chamados trejeitos reforçam essa classificação e as performatividades masculinas tanto heterossexuais quanto homoeróticas. Mas esse reforço é balizado geralmente pela inferiorização e subalternização do feminino que marca a heterossexualidade como norma regulatória da relação social entre os sexos reiteradamente

¹⁵ Termo êmico que encerra homens muito afeminados ou trejeitados e que não se preocupam em esconder publicamente seus trejeitos e até podem utilizar sua condição “rasgada” como, por exemplo, para divertir conhecidos ou amigos em dado contexto social.

¹⁶ Termo êmico que significa expressar o efeminamento ou a “bichice”.



produzidos como opostos e desiguais. Ao macho – homem, boy, bofe – a superioridade e o “glamour” à custa da inferiorização e negação da fêmea – mulher, bicha ou afeminado.

Mas como a execução performática nos processos de paquera é de teor estético, ou seja, avaliada por um “indicador de níveis de masculinidade e de feminilidade” (BENTO, 2006, p. 163), o corpo se torna um aparato crucial. A aparência corporal atua para visibilizar e estabilizar os corpos na dicotomia dos gêneros. A estética, como uma espécie de “capital de gênero” (ibid, p.228), funcionaria como um pré-discurso através do qual os corpos seriam classificados como abjetos ou “glamourizados”. O estilo permite produzir subjetividade e identidade articulando anseios, interesses e expectativas de autoimagem pessoal num esforço de encobrir ou destacar distintos atributos de abjeção/prestígio na produção social dos corpos generificados e sexualizados (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010, p. 48).

É nesse contexto de estetização dos corpos para se tornarem viáveis nos processos de paquera normatizados pela heteronormatividade e por padrões fitness dos corpos que os discursos de cuidado, saúde e musculação aparecem de forma unânime nas falas dos colaboradores: a ideia subjacente é a de que sem um corpo malhado, a “performance máscula” pode ser questionada ou a “performance rasgada” poderá cair numa abjeção sem volta durante a festa. Nesse sentido convém destacar as considerações de Beatriz Preciado (2008) sobre o gênero – marcador fundante das performances da paquera.

Preciado (2008) defende que a materialidade dos sexos pode ser performativamente constituída por técnicas fotográficas, cirúrgicas, biotecnológicas ou cibernéticas. Numa era “farmapornográfica”, o gênero é um dispositivo de “subjetivação técnica” (ibid, p. 86) que apodera o sujeito e os seus corpos. Assim, a feminilidade/masculinidade não são uma performance e sim constructos de tecnologias de domesticação do corpo (ibid, p.89). Nesse sentido, a técnica pode possibilitar a ratificação estética da performance e talvez uma crescente “glamourização” da “performance rasgada”.

Outro marcador social da paquera nas festas observadas são os códigos sociais contextualmente distintos e temporalmente sustentados. Cada contexto é atravessado por normas que afetam as performances de paquera. Os rituais de paquera num bar, em locais de trabalho e numa festa como a “pop-ismo”, são diferenciados. Os estabelecidos de cada contexto conhecem esses códigos que diferem também na extensão temporal do evento, festa ou estabelecimento social. Por exemplo, na “pop-ismo”, a partir das três da manhã, os rituais de paquera burlam de



certa forma a confirmação de olhares mútuos e passam a ser caracterizados por toques e colisões entre os corpos como formas de aproximação. Antes disso, as paqueras são geralmente realizadas passando pela busca de captura do raio de atenção do olhar do outro. Alguns códigos sociais que caracterizam a “Pop-ismo” serão analisados posteriormente.

Em suma, os corpos que paqueram são marcados socialmente, além da cor, etnia e classe social, pela heteronormatividade que baliza as classificações das performances em “máscula” e “rasgada”. Nessa classificação, a efeminofobia atua como reforço da norma heterossexual e referência para a construção das performances. Entretanto, aos corpos humanos também são impostos os padrões de beleza fitness e a tecnociência pode contribuir na produção estética dos gêneros da performance. Além disso, há suturas representadas pelas performances “pop”. A caracterização dessas performances e da “Pop-ismo” constituem os temas principais da iminente seção.

“Pop-ismo”

A “Pop-ismo” iniciou em 2011 como uma festa particular realizada mensalmente entre amigos em motéis da cidade de Sobral, no estado do Ceará. Hoje é totalmente pública e ocorre quase sempre numa das maiores casas de show da cidade – Coqueiros clube. Na época de suas primeiras edições era considerada pelo “público gay”¹⁷ da cidade sobralense uma alternativa para os gays “machudos”¹⁸ que não queriam se “expor” no Bardakal – único bar gay da cidade, pois poderiam ser “rasgados”¹⁹ pelos frequentadores desse bar.

Com o passar dos anos, a festa foi se popularizando e perdendo seu público inicial formado principalmente por “gays muito recatadas, finas, enrustidas, [...]”²⁰ (Valdo-abril/2013). Essas mesmas pessoas foram diminuindo a frequência nessas festas proporcionalmente ao aumento da frequência de outras categorias de jovens, a saber, mais ligados ao estilo musical pop, marcados

¹⁷ Termo reproduzido dos depoimentos, que aglutina segundo os colaboradores todos os jovens que admitem uma identidade gay.

¹⁸ Termo que se refere aos atores da “performance máscula”.

¹⁹ Os colaboradores relataram que era consensual a ideia de que se alguém frequentassem o bardakal poderiam ser “rasgados” pelos outros frequentadores desse bar, pois para eles, neste bar, “ia muita bicha”, ou seja, pessoas afeminadas que já tinham sua homossexualidade “exposta” para toda cidade. Como Sobral é uma cidade pequena e “todos se conhecem e sabem da vida de todo mundo” (Valdo/2013), o simples ato de frequentar o bar, embora não ficando ou paquerando com nenhum homem, já era considerado marca essencial para a população estigmatizar tal visitante como gay. É tanto que aqueles que ainda iam para o bar, ficavam sob a “proteção heterossexual”, ou seja, com amigos heteros ou com casais heteros.

²⁰ Interessante que Valdo se refere a esses gays no feminino numa crítica a autoconsideração deles em relação a si mesmo tendo como referência os critérios de “fineza” ou distinção social em relação a outros gays da cidade. Pois para Valdo “viado fino, tem jeito de homem...” e “enrustido também tem...” [jeito de homem], como se o armário só fosse possível para indivíduos másculos e não para os “afeminados” pois os trejeitos já denunciavam sua identidade gay.



em sua maioria por sua considerada efeminação e gosto por performances de dança nos estilos street dance, swingueira e forró. Assim, uma festa que se inicia com um público que se considerava a “elite gay” de Sobral em termos de beleza corporal, grau de masculinidade/virilidade e refinamento cultural²¹ - definido principalmente pelo grau de escolaridade de nível superior – passa a ser frequentada pelo oposto daquilo que essa elite sustentava como sua distinção e superioridade: os gays efeminados, despreocupados com a malhação e adoradores das músicas pop tanto para dublagens ou performances de dança em referência às consideradas “divas” gays: Beyonce, Lady Gaga, Madona, Britney Spears, Rihanna e outras.

Todavia, atualmente, a festa aglutina uma diversidade de corpos, identidades e performances de orientação homoerótica. Quando o Bardakal fechou, em 2012, a “Pop-ismo” se tornou a única festa e o único espaço permanente de encontro e “azaração”²² gay da cidade. Embora, de vez em quando, aconteçam “raves”²³ e festas paralelas que, dependendo dos organizadores, o “público gay” vai julgando ser ou não ser gay. Em acréscimo, de vez em quando ocorrem festas que se assemelham a “Pop-ismo” em termos de formato e público frequentador. Mas, a grande maioria dessas festas não passa da segunda edição.

Em resumo, historicamente a “Pop-ismo” pode ser dividida em duas fases. A primeira, que representa o seu início, caracterizada pela privacidade, elitização, “guetificação”, hierarquização e anonimato. E uma segunda fase, que se consolida no ano de 2013, marcada pela popularização, massificação, diversificação e visibilidade.

A “Pop-ismo” começa geralmente em torno das onze da noite e terminar por volta das sete ou oito horas da manhã do outro dia. Conforme os relatos, quando ocorria no motel²⁴ e a suíte possuía piscina, os que ficavam por último tomavam banho e muitas vezes alugavam outra suíte tanto para descansar quanto para prolongar a festa.

A música e um estilo de se vestir pop identificam a grande maioria dos frequentadores e constituem elementos fundantes dessa festa. Esses jovens, que se autodenominam “pops”, sustentam financeiramente a festa. Pois os corpos “elitizados” vão sazonalmente para a festa.

²¹ Esses três marcadores de autodiferenciação que certos jovens advogavam para si como elementos de distinção e identificação de uma “elite gay”.

²² Termo comumente utilizado para se referir aos trânsitos de pessoas que mistura a busca por paqueras, namoros, sexo e diversão, com bebedeiras e outras práticas que beiram a informalidade.

²³ Festas eletrônicas organizadas com intuito de duração prolongada como, por exemplo, 12 ou 24 horas de duração.

²⁴ Quando o Coqueiros clube não aluga o espaço, a “Pop-ismo” como as festas semelhantes a ela, ocorrem geralmente na suíte Tropical do Stylus Motel na saída de Sobra-Ce para o município de Graça-Ce.



Isso é corroborado pela grande quantidade de indivíduos que, durante toda a festa, fica assistindo, cantando e dançando em frente ao telão de videoclipes. Muitos até nem comparecem ao “dance” principal mesmo em edições em que comparecem djs reconhecidos da noite cearense.

Embora a maioria dos frequentadores se assemelhe e compartilhe uma determinada “cultura pop”, eles se classificam entre si e os outros “carne nova” pelo grau de masculinidade ou “rasgação”: “tem muita bichinha que gosta de se rasgar dançando Britney” (Carlos-junho/2013). Os “pops”, como os outros frequentadores, parecem transitar também entre os polos “performance máscula” e “performance rasgada”. Ao se auto classificarem e a avaliarem suas performances com referência a esses polos, eles reforçam a heteronormatividade. Apesar disso, alguns “pops” confessam, muitas vezes, “dar uma de boy” para conseguir “linha”²⁵. Ou seja, encenam a “performance máscula” para serem paquerados e “pegar alguém na noite” (Alex- junho/2013). Alex relata ainda que malha muito porque “todo mundo gosta de gente malhada hoje em dia”. E, nessa encenação do “ másculo”, eles se esforçam na contenção da performance mais feminina no esforço de atrair alguém. Simões, França e Macedo (2010, p.53) chegaram em conclusões semelhantes em sua pesquisa.

Nesse sentido, a “performance pop” poderia ser considerada uma determinada fissura nesse continuum da paquera homoerótica: gostam de se “rasgar” com as músicas pop – atributo de afeminamento, mas alguns possuem corpos malhados – atributo relacionado à masculinidade. Entretanto, a fala de Alex é elucidativa, o corpo malhado é utilizado para manter a “performance máscula”, numa encenação que reitera os polos performáticos cuja valorização é tributária ao polo másculo, macho ou masculino. Em suma, os “pops”, ao circularem pelos polos performáticos, ora reforçam a heteronormatividade ora borram, de certa forma, a unidade relacional que sustentam tais modelos avaliativos: máscula-homem, malhado, “sem pinta”; e “rasgada”- bicha, sem músculos e “pintosa”²⁶.

Os “pops” geralmente não paqueram muito. Basicamente ficam transitando, bebendo, dançando e interagindo com seus amigos e conhecidos. Principalmente porque eles vão regularmente a essa festa e conhecem muitas pessoas. Alguns colaboradores afirmaram que esses rituais de permanência são modificados nas festas nas quais os “pops” já sabem que geralmente

²⁵ Termo êmico utilizado entre os jovens para se referir tanto ao processo de busca por parceiros amorosos ou sexuais quanto à prática sexual propriamente dita.

²⁶ O mesmo que afeminada e fechativa.



há frequência de “caras novas”, como nas edições do dia do Desfile dos Blocos dos Sujos²⁷, da Parada Gay da cidade, do São João, do aniversário da pop-ismo e a do Halloween. Nessas edições, curiosamente, a “performance máscula” é a mais encenada. Ora, os rituais, embora aparentam estabilidade e repetição, também mudam de acordo com as circunstâncias sociais. Essa mudança performática se relaciona diretamente pela diversidade de “outsiders” que essas edições possuem, conforme relatos dos colaboradores.

Mas os ‘pops’ não ficam sozinhos, eles “quebram a louça”. Ou seja, paqueram e ficam entre si. Embora que, para muitos homoeróticos, atualmente escravizados pelo padrão heteronormativo, isso seria uma “pouca vergonha” ou estariam “na seca” (Alex-junho/2013). Alguns consideram melhor “fazer sabão” para não terminar a noite sozinhos (Elano-junho/2013).

No depoimento de Clóvis sobre a década de 60, trazido por Perlongher (1987, p. 74), o termo quebra-louça é citado com semelhante conotação acima - de transa de gay com gay. Embora, nessa discussão sobre a paquera, o termo é acionado pelos jovens como um “ficar” entre indivíduos iguais em seu efeminamento ou “performance rasgada”.

Nesse sentido, pela reiteração desses ficadas “quebras-louça” – outra fissura proporcionada pelos “pops” – e inclusive por casais efeminados que frequentam as edições da festa, a “pop-ismo” tem uma dimensão de expressar ou incitar essas relações igualitárias nas quais pelo menos a hierarquia da “performance máscula” sob a abjeção da “rasgada” se dilui ou perde, por alguns instantes, a sua importância. É, de certa maneira, uma representação do modelo igualitário ou modelo gay/gay utilizados por Fry (1985) em sua teorização sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo. Nesse modelo, os homossexuais se relacionam de igual para igual com o outro, ao contrário do modelo ‘popular’ ou hierárquico, no qual o polo superior é o macho/ativo e o inferior é a bicha/passiva. Modelo que expressa o poder heteronormativo sobre as relações amorosas/sexuais entre homens.

Os rituais da paquera

A paquera é atravessada por um princípio tácito de disciplinamento e controle corporal. Estar na paquera é uma exigência social que encerra um pedido de autorização para o outro corpo para poder se aproximar, cortejá-lo e, possivelmente, iniciar um flerte. A paquera encerra

²⁷ Desfile tradicional da cidade que ocorre no sábado que antecede o período do carnaval onde homens se vestem de forma caricatural como mulheres e estas como homens e saem pela principal avenida da cidade performatizando os gêneros que possuem temporariamente.



uma regra de ouro com relação aos investimentos eróticos de um ao elencar o seu objeto de satisfação. É o comportamento universal apropriado e esperado quando o assunto é a busca por satisfação erótica ou sexual. Até nas pegações em locais públicos específicos entre homens há paquera embora que menos ritualizada e com menos componentes.

A paquera é um ritual cerimonial. Principalmente se os indivíduos estiverem sozinhos sem a segurança e a proteção grupal. São dois “estranhos” ou não num jogo corpóreo no qual imagens, identificações, avaliações, recusas e aceitações são articuladas e trocadas num curto espaço de tempo para um rápido processo decisório. E justamente pela rapidez e o pouco tempo disponível para decidir que os indivíduos selecionam ou se envolvem com as imagens de deferência e porte observadas no outro - objeto da paquera.

Em seu livro *O negócio do michê*, Perlongher (1987, p. 156) define a paquera ou deriva como uma maneira de circular característico de indivíduos do meio²⁸ homossexual. Analisando a prostituição viril de rua, o autor destaca que “a ‘paquera’ (drague, cruising, yiro, etc) consiste numa perambulação, mais ou menos prolongada, pelas áreas da cidade tendentes a serem transitadas por homens dispostos ao prazer e as diversões”. Um modo de procurar parceiro sexual “adaptada às condições históricas de marginalização e clandestinidade dos contatos homossexuais (ibid, p. 157).

O autor coloca a paquera como um trânsito de homens nas ruas em busca de algo sexual. Nesse tipo de paquera de rua as possibilidades de contato homossexual são correlatas a uma paradoxal necessidade de salvaguardar o segredo da paquera, pois é homoerótica e, ao mesmo tempo, a necessidade de demonstrar indícios de interesse e desejo entre homens. E também segue um processo ritual caracterizado por códigos linguísticos que permitem assegurar tanto o anonimato, de certa maneira, em relação aos outros, e confirmar o interesse de ambos para a pretensa pegação.

Entretanto, a pegação sexual não pode ser considerada o único objetivo de quem paquera. Outras finalidades constituem essa deriva. Para cada cenário cultural e dependendo da “interação focada” da paquera, a pegação sexual pode ou não ser negociada e almejada. Em carnavais ou micaretas – carnavais fora de época – é muito comum vermos que os rituais de paquera e sedução têm como finalidade colecionar ‘ficas’ tanto entre homossexuais quanto entre os

²⁸ Esse termo evoca bares, saunas, boates e regiões de prostituição de orientação homoerótica masculina conforme Richard Miskolci (2009). Poderíamos acrescentar também festas e páginas nas redes sociais e sites de relacionamento ou aplicativos de paquera e pegação. Pois o “meio” migrou para a internet nos termos desse autor.



heterossexuais. Na “Pop-ismo”, muitos indivíduos paqueravam e correspondiam as paqueradas dos outros e, no entanto, não “ficavam” com ninguém. Numa das incursões, ouvindo comentários dos estabelecidos, a razão dessa conduta veio à tona: “tem uns que vêm só se exibir e não ficam com ninguém” (Claudio- dezembro/2013). Em outras palavras, paquerar talvez possa ser uma estratégia ritual narcísica.

De forma geral, o ato de paquerar encerra uma atividade de busca que objetiva alguma finalidade através de rituais específicos de tentativa de aproximação e interação com seus alvos correspondentes. A ordenação ritual da paquera é caracterizada por fases, atos e simbologias diferentemente construídos e subvertidos a partir das limitações e possibilidades dos espaços sociais específicos.

Diferentemente da paquera de rua onde o acaso, o novo, o inesperado, a aventura (PERLONGHER, 1987, p. 158) e a diversidade de interesses e preferências são característicos, nas baladas e boates que pertencem ao “meio” homossexual ou fazem parte do “gueto”, o emprego dos rituais de paquera tem função diferenciada. Na “Pop-ismo” eles não objetivam salvaguardar o anonimato dos interesses entre os corpos, pois se subentende que todos que aí estão buscam engajamentos amorosos. Os rituais objetivam, além de um processo de seleção cuidadoso, principalmente no início das festas, também assegurar a glorificação ou “glamourização” dos corpos, a não-abjeção ou subalternização frente aos outros e inclusive também alimentar narcisismos: “queima o filme ficar com esses viadinhos pão com ovo²⁹...” (Roberto- dezembro/2013).

Roberto avalia ser extremamente negativo ficar com os indivíduos afeminados e que não “têm cultura”. Para ele, ficar se “rasgando”, ou seja, dançando em frente do telão, significa não possuir cultura. Outros colaboradores compartilharam da mesma opinião de Roberto: “ficar com bicha rasgada é o fim”. Por isso que eles disseram ser muito cautelosos ao selecionar seus “ficas”. Nesse sentido, a ritualização buscar evitar: os possíveis “foras”, os “ficates” com os “rasgados” ou “afeminados” e também manter ou demonstrar maior status corporal na situação em que os que se consideram “glamourizados” julgam outros corpos abjetos.

²⁹ A expressão êmica “viadinho pão com ovo” é citada também como “bicha pão com ovo” – termo depreciativo utilizado pelos próprios homossexuais “para designar rapazes mais pobres que moram nos bairros mais distantes e dependem de transporte público ...”. e o termo “bicha quá-quá” para classificar “rapazes mais afeminado e espalhafatoso” (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010, p. 52). Entretanto o “viadinho pão com ovo” de Sobral aglutina a “bicha pão com ovo” e a “bicha quá-quá”, pois se refere aos afeminados e em certo sentido aos “pops” por sua expressiva “rasgação” ou afeminamento dançante publicamente e sua condição financeira e escolar: “bichas pobres e sem perspectiva de vida, mal tem o ensino médio...” (Roberto-dezembro/2013).



Os rituais analisados a seguir se referem às fases preparatória, desfoca e focada – divisão aplicada aos processos de paquera – onde o “fica” e/ou a “pegada” ou a “pegação” é considerada a última etapa de um processo que se inicia com olhadelas mútuas, pois “a troca de olhares é fundamental, informando quando um flerte será ou não correspondido” (BRAZ, 2009, p.88). A interdependência e simultaneidade entre essas fases constituem os pressupostos dessa divisão sugerida. Assim, na fase focada de um processo de paquera qualquer, o indivíduo pode estar continuamente se preparando para manter o porte e a fachada e, ao mesmo tempo, pode estar lançando olhares e selecionando próximos alvos de paquera – fase desfocada.

A perambulação, tanto daqueles que ficam passando frente ao clube em carros e motos quanto dos que estão dentro da festa, vincula-se antecipadamente a um ritual de preparação (GUIMARÃES, 1984) que inclui “microdispositivos de seleção”. A perambulação não é caótica e na preparação já se racionaliza os lugares de paquera, as fachadas a serem mantidas, os alvos e as finalidades da paquera. E esses cálculos são definidos tomando como referência as ordens expressivas dos espaços, seus códigos de sociabilidade e as possibilidades e os limites de subversão daquilo que se encontra estruturado e mantido pela grande maioria dos participantes que frequentam regularmente. Perlongher (1987, p. 159) acrescenta, nesse ritual, regras de cálculo para medir “o grau de desejabilidade quanto a eventual periculosidade do candidato” na paquera de rua.

É nessa fase, designada nesta discussão como etapa preparatória dos processos de paquera, que o indivíduo atua na construção de um porte bom, nas palavras de Goffman, ou a criação de uma imagem com qualidades desejáveis para os outros. A escolha do vestuário, a postura e o aspecto corporal será calculada de acordo com os interesses ao se dirigirem a determinado estabelecimento social. E no calor das interações, os interesses, escolhas e finalidades elencadas frente ao espelho e às vezes externalizadas durante o trajeto para chegar a determinada festa ou espaço social específico, serão intersubjetivamente rompidas, manipuladas ou reafirmadas pelos indivíduos no jogo da paquera. Pois, a (re) construção desse porte é permanente e se vincula, em última instância, nas paqueras homoeróticas entre os polos masculinidade e “rasgação”.

A paquera inicia no olhar que materializa num corpo o desejo homoerótico. Para Miskolci (2013), cuja pesquisa foi realizada em salas de bate-papo da internet, esse desejo é corporificado numa imagem de homem plenamente ajustado à ordem heteronormativa: se dirige ao homem heterossexual (p. 317). Os corpos e as subjetividades são produzidos/as como sujeitos e objetos de desejo nos espaços de paquera e pegação homoerótica do Brasil



contemporâneo e tem como referência uma “hipervalorização da masculinidade” e a produção do “macho” (BRAZ, 2009, p. 82).

O olhar como sinal de paquera é repleto de peculiaridades nas quais não somente o desejo ou a atração são determinantes, mas fundamentalmente a racionalização. Por isso, não é uma atividade meramente espontânea e do campo do erótico. É também da ordem da ritualização. Então, no sistema de olhares da paquera - “primeiro sinal de comunicação”, “o cálculo já está contido”. Pois, na prática da deriva, os dois polos “desejo e interesse, acaso e cálculo” estão presentes como também “tornam-se frequentemente indiscerníveis” (PERLONGHER, 1987, p. 161). E no caso da paquera homossexual, o autor acrescenta dois grandes blocos constitutivos:

De um lado, um desejo sexual aberto, profuso, que remete a ordem do acaso. De outro lado, esse desejo não é indiscriminado, mas agencia, para se consumir, um complexo sistema de cálculo dos valores que se atribuem aquele que é captado pelo olhar desejante, incluindo tanto expectativas sexuais quanto riscos de periculosidade. (ibid, P. 161).

Entretanto, nem todo olhar recíproco ou não representa autorização para iniciar a paquera. No geral, “o olho a olho comunica um pedido para iniciar um encontro e tem relação com outras práticas comunicativas (GOFFMAN, 2010, P.108). Frequentemente, o olhar recíproco é confundido por algum dos corpos como operador da paquera, principalmente porque pode ser cortesia mútua de desatenção civil, pois “a mera troca de olhadelas amigáveis talvez seja o nosso ritual interpessoal mais frequente” (ibid, p. 114). Por isso, os rituais da paquera servem justamente para assegurar que ambos estejam no mesmo processo ou pelo menos um deles seja reconhecido como paquerador.

A paquera desfocada

Embora na fase preparatória o cálculo e o desejo atravessem a construção da performance a ser executada em dado espaço, ela não é uma fase interacional. A interação-paquera pode iniciar para alguns logo na entrada da festa ou na circulação de carros em volta do portão principal do clube. A fase interacional de paquera é denominada nesta discussão de desfocada ou focada.

Na interação focada existe um único foco de atenção cognitiva e visual durante os atos de fala e gestos. E os participantes ajudam a manter esse foco de atenção. Diferentemente, na interação desfocada, “os indivíduos em presença visual e auditiva uns dos outros cuidam de suas próprias vidas



sem estarem ligados por um foco de atenção compartilhado” (GOFFMAN, 2011, p. 128). Não há aqui um único centro de atenção. Ocorre geralmente na rua e em festas sociais grandes.

A primeira fase interacional do processo da paquera – a desfocada – tem como ritual estratégico a desatenção civil, um dos rituais mais frequentes nas sociedades, conforme Goffman (2010). Esse tipo de cortesia é afastado, para não confundir o processo, pois nela o indivíduo oferece um “aviso visual suficiente” demonstrando estar consciente da presença de outro indivíduo e depois retira sua atenção para não expressar curiosidade ou pretensão de interagir (ibid, P.96).

Tal cortesia pode ser o início da paquera justamente porque trabalha os olhares de confirmação da presença um do outro. Conforme os relatos, muitos homens, ao se depararem nesse tipo de cortesia – desatenção -, estando muito próximos, não ficam apenas no olhar. Por exemplo, podem cumprimentar um ao outro, balançar a cabeça no sinal de afirmativo. Mas isso depende muito da cultura local. Entretanto, na hora da pegação, consensualmente identificada pelos colaboradores por volta das três ou quatro horas da manhã, todo tipo de desatenção civil pode ser encarado como início de paquera e às vezes algumas confusões e desconfortos são gerados.

O reconhecimento da paquera entre indivíduos se dá por infrações a desatenção civil – olhar prolongado a alguém ou olhadelas mútuas – confirmada por outros sinalizadores e pela contextualização espaço-tempo. Estar num espaço gay e ser fixamente observado pode significar que você “esteja sendo paquerado” embora o paquerador, ao ser descoberto, pode “desviar o olhar ou fingir” [desatenção civil] com relação a você (Juliano- setembro/2013). Os próximos momentos serão confirmatórios. Todavia, nem sempre o ato de “encarar” pode ser visto como início de uma paquera. Pode ser “um meio de sanção negativa, controlando socialmente todos os tipos de conduta impropria” (GOFFMAN, 2010, P.100).

Os indivíduos se olham e podem dissimular tanto o real interesse como a ojeriza a determinados corpos. No início da noite parece que todo mundo – com exceção dos casais de amigos e grupos de amigos entre si e com relação aos conhecidos – se tratam como se não estivessem na presença um dos outros, inclusive os que inicialmente, por desatenção civil, já demarcam os seus possíveis alvos de paquera e atração. Essa expressão de indiferença e quase hostilidade inicial é uma constante em todas as edições e pode ser considerada como forma de defesa de todos contra todos a fim de assegurar seus valores sociais e de consumo na noite.



Essa fase corresponde a duas ou três horas após o início da festa. É nesse espaço de tempo que os indivíduos geralmente bebem, conversam, brincam e não fixam olhar em quase ninguém. É a fase da busca da “glamourização” ou da atribuição de valor aos corpos e suas performances pelos participantes entre si baseados principalmente pelos marcadores sociais: da heteronormatividade, de padrões de beleza corporal reconhecidos socialmente, dos códigos sociotemporais específicos. Um corpo “glamourizado” é objeto constante de paquera, olhares, assédio e muitas vezes de inveja e “despeitamento”³⁰.

Numa ambiência heteronormativa, os indivíduos, em suas performances de paquera ou pegação, representam aquilo que a plateia gostaria que o objeto de paquera entre homens possuísse – a masculinidade heterossexual – e, por isso, todo o processo de paquera é semelhante à construção do homem ou do masculino caracterizado por provações, confirmações e negações por meio das performances daquilo que é abjeto: o afeminamento ou feminilidade no homem gay.

Nesse momento da festa, os indivíduos vão chegando, buscam por amigos e, geralmente, se integram a pequenos grupos. Ao mesmo tempo, vão observando os outros participantes. Os solteiros que não se engajam em nenhum grupo por opção ou por estar frequentando a “Popismo” pelas primeiras vezes ficam transitando, ‘tateando’ o espaço e se posicionam as margens da pista de dança central. Nessa fase de “tateação” ou observação mais geral, os olhares de desatenção civil são estratégicos numa pioneira seleção de candidatos ao status de objeto de paquera e objetivam dissimular o interesse ou a atração emergente por determinado indivíduo.

A paquera focada ou verbal

Como num encontro qualquer, o da paquera é iniciado “quando alguém que faz uma jogada de abertura, normalmente através de uma expressão inicial dos olhos, mas às vezes com um enunciado ou um tom de voz especial no começo de um enunciado”. O “engajamento” de paquera pode começar quando a abertura oferecida por alguém é reconhecida pelo outro que “retorna um sinal com seus olhos, voz ou postura para indicar que ele se colocou a disposição do outro para propósitos de uma atividade olho a olho mútua [...]” (GOFFMAN, 2010, p.104).

³⁰ Termo utilizado na linguagem gay para atitude de inveja acompanhado de comentários de inferiorização ou rebaixamento quanto ao corpo ou performance de um indivíduo visivelmente “glamourizado”.



Internamente numa festa ou boate, há espaços que podem ser definidos como mais “abertos”³¹ do que outros à paqueraçãõ. E o grau de abertura é dependente do desenrolar da festa e dos trânsitos dos participantes. O “dance” principal da “pop-ismo” pode muitas vezes tornar-se o pior lugar para paquerar porque, além de ficar quase vazio e as pessoas dispersas nas laterais, as investidas são facilmente visualizadas e, por isso, desencorajadas principalmente pelo risco do “fora” – algo repetidamente rejeitado por todos os colaboradores. Um indivíduo pode ser avaliado negativamente se “dar em cima de muita gente” (Juliano- setembro/2013). Alguns jovens dizem que geralmente contam, na medida do possível, quantos “ficas” determinado indivíduo teve e, às vezes, essa contabilidade é informada para outros participantes, fundamentalmente se esse “pegador” for alvo de suas paquerações durante a festa.

A passagem da paquera como interação desfocada para um encontro ou “engajamento de face” é autorizada pelos gestos corporais e, principalmente, pelos olhares diretos que têm um “papel especial na vida comunicativa da comunidade, estabelecendo ritualmente uma abertura declarada a enunciados verbais e uma relevância de atos mútua e legitimamente aumentada” (GOFFMAN, 2010, P.104-5).

Da mesma forma que “pegar o olho” do paquerado é uma forma do paquerador ser visto e demonstrar sua paquera, evitar que alguém “pegue seu olho” constitui na forma de “cortar”, de bloquear ou interromper uma paquera em curso, pois é “compreensível que um indivíduo que deseje controlar o acesso dos outros a ele e a informação que recebe pode evitar o olhar para a pessoa que o esta procurando” (GOFFMAN, 2010, P.106). Em suma, quem quer evitar encontros, as olhadelas mútuas devem ser evitadas, visto que o “contato visual nos abre para engajamentos de face” (ibid, p. 108).

Durante alguns momentos da incursão etnográfica foi necessário evitar que os frequentadores “pegassem” meu olho ou “cortar” as investidas de alguma forma. A maneira mais utilizada foi apresentar a condição de pesquisador naquela festa. Entretanto, ninguém acreditava. Por isso, essa justificativa foi abandonada. E a situação social gerada quando essa justificativa era enunciada e questionada pelos participantes da festa, foi de exímia importância na análise dos códigos sociotemporais específicos da “Pop-ismo”.

³¹ “Região aberta”, ou seja, um lugar demarcado fisicamente “onde ‘quaisquer’ duas pessoas, quer se conheçam ou não, tem o direito de iniciar engajamentos de face uma com a outra com o propósito de cumprimentos” (GOFFMAN, 2010, P.146) .



Anterior ao estabelecimento do encontro ou engajamento de paquera, os processos de aproximação são permeados de rituais também. Na aproximação da paquera se estabelece um jogo de “deslocamentos, piscares, olhares, alusões, pequenos gestos quase imperceptíveis para um estranho”. Nesse período, sinais de poder, libidinidade, desejo, status social (PERLONGHER, 1987, 45) são trocados e permitem o prosseguimento do encontro.

A interação focada da paquera inicia geralmente com a deferência, ou seja, um ritual interpessoal através de pequenas saudações, elogios ou desculpas para comunicar apreciação ou estima ao receptor. Esse ritual é utilizado para se aproximar ou fazer investidas aos corpos paquerados. Entretanto, é a fase mais complexa porque lida principalmente com a confirmação das fachadas e das performances exibidas pelos indivíduos durante a fase desfocada ou não-verbal. Aqui, ocorre uma exacerbação/manipulação/reformulação dos significados atribuídos aos dois polos da paquera - cálculo e desejo - desde o início do processo. E, além disso, o jogo binário de atribuição performática é acionado como em todo o processo de paquera: os indivíduos são avaliados como “performes” másculos ou “rasgados”- afeminados.

Através dos rituais de apresentação – regularmente empregados na fase posterior às correspondências dos olhares ou não – o indivíduo confirma o interesse de iniciar um engajamento de face e de continuar o processo de paquera. O ato de perguntar se está tudo bem com o outro ou por seu nome são os rituais de apresentação mais utilizados nas paqueras da “Pop-ismo”, segundo os colaboradores. E a reação do receptor será avaliada em milésimos de segundos e sob critérios pré-estabelecidos antes de iniciado o ritual de apresentação. Por isso, qualquer resposta tida como negativa daquilo que positivamente foi previsto rapidamente é considerada como um indício do aproximador pular fora. Geralmente, os que insistem é porque percebem uma indecisão do receptor. Aqui gera uma luta de sedução por gestos, palavras tentando expressar a qualidade do aproximador a fim do receptor se decidir ou, se for o caso, desistir de seu foco de paquera ou espera.

Anterior a esses rituais de apresentação pode ocorrer, durante a fase desfocada, pequenas colisões ou toques intencionais em partes do corpo, tais como no antebraço, nas mãos ou nos ombros. Esses toques e colisões constituem ações para iniciar rituais de deferência quando são engendrados nesses processos pedidos de desculpas e possíveis apresentações.

Na “Pop-ismo”, a apresentação é um recurso da paquera e, às vezes, utilizada sem ao menos o paquerado ter consciência da existência do paquerador através da figura do cupido.



Como forma de se assegurar da possível perda – o “fora” – a primeira pergunta quase sempre do cupido é a de que se o indivíduo está solteiro e depois relata que “tem um amigo a fim de te conhecer?” (Romeu - março/2013). O constrangimento sempre está presente nesse tipo de conhecimento pois, mesmo que tenha existido uma correspondência de paquera, muitos jovens afirmam se sentir desconfortáveis com a presença do cupido que pode assumir, depois das apresentações, várias funções e atitudes, inclusive a de “dar em cima” do recém-chegado ao ajuntamento da paquera. Pois o cupido geralmente representa o papel de intermediário ou mediador cuja atividade é estranha e vacilante podendo ser constituinte de dois ou mais agrupamentos. Ele “aprende os segredos de cada lado e dá a cada um a verdadeira impressão de que os guardará; mas procura dar a cada lado a falsa impressão de que é mais leal a esse lado do que ao outro” (GOFFMAN, 2009, p. 139). Às vezes um indivíduo pode assumir esse papel visando ficar com um dos envolvidos, principalmente se ele não for um amigo de ambos e apenas colegas ou conhecidos da noite.

Outra forma de deferência por apresentação ocorre através dos elogios. E esses são comumente usados porque geralmente funcionam. Conforme os relatos, quando os elogios vêm de surpresa e por pessoas inesperadas, eles podem causar incômodo e até repulsa, se for articulado com o corpo do aproximador que não interessa ao receptor. Já vindo de um aproximador que durante algum período já teve alguma troca de olhares, os elogios podem até substituir as palavras e fomentar a ação do receptor. Muitos dizem elogiar já esperando como reação de outros uma maior aproximação e investida. Como se elogiar já fosse a ação suficiente do aproximador, cabendo agora a parte do receptor que deve iniciar o beijo ou toques que autorizem o “fica” ou até a pegação.

Nem todos engendram rituais de apresentação nas paqueras nas festas. Alguns dizem que não gostam, sentem vergonha ou porque seguem duas regras de conduta estruturantes desses espaços atualmente e que foi identificada pelos estabelecidos como: “chegar em alguém é coisa de pegador”, pois na percepção dos estabelecidos o pegador já está acostumado em fazer isso e sabe fazer bem (diário de campo - novembro/2014). Além disso, quem chega ou toma iniciativa perde “a magia” ou sua fachada de objeto desejável – de pessoa séria e que “pega” poucas pessoas quando vai a esses lugares.

Iniciado o encontro conversacional, o indivíduo pode ficar envolvido nele de forma intensa ou leve, podendo mergulhar nele de forma impensada (GOFFMAN, 2011, p. 110). O envolvimento é definido pelo autor como a capacidade do indivíduo de concentrar sua atenção



numa atividade – tarefa, conversa ou trabalho – que implica certa proximidade dele com o objeto de envolvimento (GOFFMAN, 2010, p.54). É o envolvimento o componente interacional da fase focada da paquera o mais avaliado pelos corpos em paquera. Ele é considerado o sinal de interesse ou desejo de quem está paquerando ou sendo paquerado.

O “fica” ou “pegada” é a etapa final de um processo de paquera na qual a fase de interação focada é crucial, pois, para ser bem sucedida, deve ser constituída pelo mútuo envolvimento de ambos os indivíduos. Mas nem sempre o grau de envolvimento dos indivíduos é semelhante e a permanência desse grau sempre estará sujeita a rupturas e distrações que às vezes podem até ser consideradas como sinal de desinteresse de algum dos indivíduos.

Na fase da paquera focada, existem os rituais utilizados para o outro “se mancar”: “não olhar para o outro”, “não perguntar quase nada”, “responder com poucas palavras”, “manter o corpo pouco distante do outro” e “não corresponder aos toques que o outro” aplica durante as perguntas e pequenas brincadeiras. Esses rituais executados de forma isolada ou em conjunto são geralmente deduzidos pelos frequentadores como permissão para terminar o estado de fala ou a interação focada. Ou seja, parece significar que um dos indivíduos não gostou da conversa ou percebeu que a fachada mantida e utilizada pelo outro não se confirma com aquela esperada pelo indivíduo que iniciou a paquera e a aproximação. E, mesmo diante desses sinais, se o outro não se “tocar”, a alternativa é a verbalização: “vou procurar meus amigos”, “vou ao banheiro”, “vou pegar cerveja”, “vou dar um rolê, volto já”. Às vezes acontece de haver uma insistência constrangedora: “bora, vou com você” (Cláudio- dezembro/2012).

O “fora” é uma espécie de “corte”, ou seja, uma negativa brusca de abertura de encontro (GOFFMAN, 2010, p. 128). Ser cortado é o principal marcador da abjeção como também “cortar alguém” marca o triunfo de quem corta. Todavia, o ‘fora’ pode ser praticado durante a fase desfocada da paquera. Desvio do olhar, indiferença aos sinais expressivos, como toque das mãos e roçar dos antebraços, foram atos de “fora” citados pelos colaboradores. E pode ser considerado um comportamento para que o ‘corte’ não seja necessário - visto que para muitos é constrangedor - quando o outro se aproximar.

Já o “corte” propriamente dito como ‘fora’ é aquele realizado na aproximação ou abertura de encontro da paquera. Por isso, as aproximações no início da festa são cuidadosamente estudadas pelo paquerador a partir da análise de vários sinais expressivos do corpo – interação desfocada – e muitas vezes é compreensível que ambos esperem que o outro se aproxime. Há



ocasiões relatadas inclusive em que há correspondência de paquera e, na fase focada, um dos indivíduos se arrepende e ‘corte’ o outro evitando o prosseguimento do encontro por alguma razão. E ainda há ocasiões em que o indivíduo corresponde vários olhares de paquera, mas ‘corta’ as aberturas. Geralmente, ele é considerado “abusado” e que está afim apenas de se exibir e ficar sozinho. Esse tipo é relacionado quase sempre aos belos, malhados e “metido a rico”, conforme os relatos dos estabelecidos.

Considerações finais

A paquera é um ato essencialmente seletivo, calculista e avaliativo. Esse tripé - seleção, cálculo e avaliação - é atravessado por vetores como a heteronormatividade, os padrões estéticos corporais e os códigos sociotemporais. Transitando entre dois polos performáticos – “ másculo” e “rasgado” – os frequentadores da “pop-ismo” reforçam a heteronorma e promovem, na medida do possível, fissuras na unidade sexo-gênero-performance-desejo constituinte desses polos. Os “pops” malham para a construção da “performance máscula”, centralmente como fase preparatória em interações com os “outsiders”, mas a deixam de lado quando se juntam aos seus pares em “performances rasgadas” de dança em frente aos telões de videoclipes e/ou em processos afetivos.

Nas fases da paquera – preparatória, desfocada e focada – os rituais constituintes buscam uma eficácia: definir a situação mútua de paquera para ambos indivíduos. Na desfocada, a grande marca é a utilização da desatenção civil como ritual de seleção dos pretensos alvos de paquera. E a fase focada ou de encontro é caracterizada em seu início pelos rituais de deferência principalmente os de apresentação a partir de elogios ou perguntas sobre o status conjugal do indivíduo. O cupido é a figura emblemática dessa fase. O encontro conversacional da interação-paquera focada tanto pode resultar no “fica” ou “pegada” quanto no “corte” ou “fora” por alguns ou ambos envolvidos no encontro. De forma unânime, evitar o “fora” é uma das principais finalidades da ritualização da paquera, pois, conforme os relatos, “cortar” as investidas de paquera pode ser um vetor de “glamourização” dos corpos e inferiorização daqueles que recebem o “corte”. Mas o “cortador” pode ter uma avaliação diferenciada para a plateia que assiste a cena: pode ser considerado “bicudo, besta, riquinho” ou “ele pode né dar o fora em quem ele quiser [...]” (Romeu - março/2013).

Referências

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond-Universitária, 2006.



- BRAZ, Camilo Albuquerque. Vestido de antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo entre homens. In: *Bagoas*, n. 3, 2009. pp. 75-95.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- _____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. In: LOURO, Guacira Lopes Louro (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 151-172.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FRY, Peter, MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Coleção primeiros passos- 26
- GOFFMAN, Erving. *Rituais de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Trad. Fabio Rodrigues ribeiro da silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011- coleção sociologia.
- _____. *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Trad. Fabio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- _____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Celia Santos Raposo. 16. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2009.
- GUIMARAES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. In: *Revista Educação On-line*, PUC-Rio, nº 10, 2012, pp. 64-83. Disponível em http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/rev_edu_online.php?strSecao=input0. Acesso: 20/03/2014.
- LIGIÉRO, Zeca (org.). *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Trad. Augusto Rodrigues da Silva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- MISKOLCI, Richard. O armário ampliado – notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. In: *Gênero*. Niterói, v.9, n.2, 2009, p. 171-190.
- _____. Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013, pp. 301-324.
- PERLONGER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madri: Espasa, 2008.
- SANTOS, Luís Henrique S; ZAGO, Luiz Felipe. Corpo, gênero e sexualidade gays na corda bamba ético-metodológica: um percurso possível de pesquisa na internet. In: *Cronos*: UFRN, Natal, v.12, n.2, jul/dez. 2011, pp. 39-56.
- SAMPAIO, Fabrício de Sousa. Entre cutucadas e curtições: o ciberespaço como fomento à sexualidade líquida. In: *Revista Eletrônica Inter-Legere*, n.14, jan./ jun. 2014, pp. 1-36.
- SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Márcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: *Cadernos Pagu* (35), julho-dezembro 2010, pp. 37-78.

